

# O sentido resultante da interação metafórica e metonímica

Natália Elvira Sperandio

Submetido em 11 de abril de 2012.

Aceito para publicação em 20 de junho de 2012.

Publicado em 30 de junho de 2012.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 347-364

---

## POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Attribution License](#), permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
  - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
  - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
  - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
- 

## POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sábado, 30 de junho de 2012

23:59:59

# O SENTIDO RESULTANTE DA INTERAÇÃO METAFÓRICA E METONÍMICA

Natália Elvira Sperandio\*

**RESUMO:** *Metáfora e metonímia já não são concebidas como processos conceitualmente independentes. Porém, apesar do crescente interesse voltado a essa interação, podemos verificar que os trabalhos dedicados a este estudo voltam-se exclusivamente a interação presente no modo verbal, deixando à margem outros modos que compõem os denominados discursos multimodais. Diante disso, temos como objetivo neste artigo demonstrar a forma pela qual a interação metafórica e metonímica pode ser codificada nos diferentes modos que compõem um discurso, em especial, a interação apresentada nos modos verbal e imagético. Como resultado, foi possível observarmos que essa interação ocorre não apenas no modo verbal, mas nos e entre o modo verbal e o imagético na construção de sentidos.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *metáfora; metonímia; interação metafórica; metonímica.*

## 1. INTRODUÇÃO

Estudos contemporâneos em Linguística Cognitiva postulam que metáfora e metonímia não são conceitualmente independentes, mas mecanismos que interagem na construção de sentido. Dessa forma, processos que até poucos anos atrás eram vistos como independentes passam a ser abordados como inter-relacionados na construção de sentido. Porém, apesar do crescente interesse dedicado a este tipo de interação, como pode ser verificado no número crescente de trabalhos a ela dedicados, podemos observar que o foco desses trabalhos pauta-se na interação ocorrida exclusivamente em um dos modos que compõem um determinado texto: o verbal.

Ao desenvolverem estudos dessa interação a partir apenas do modo verbal, Radden (2003), Goossens (2003) e Barcelona (2003) acabam deixando de lado outros modos que constituem nossos discursos ordinários, como, por exemplo, as imagens, sons e gestos; discursos que se apresentam cada vez mais como multimodais. Como advogam Kress e Van Leeuwen (1996), as duas últimas décadas presenciaram uma mudança bastante abrangente na mídia e nos modos de comunicação. Mas os autores argumentam que a comunicação sempre foi multimodal, e o que está acontecendo, atualmente, apesar de não ser novo, é uma mudança significativa, já que hoje parece haver uma instância de um novo código de texto e imagem, em que a informação é transmitida pelos dois modos. Assim, os elementos verbais e não-verbais de um texto articulam-se na composição de seu sentido, sendo que o elemento visual não é visto como dependente do verbal, mas com uma organização e estrutura independente.

Esse contexto multimodal tem influenciado diversas áreas de estudos que têm mudado o foco sobre o texto exclusivamente verbal para discursos nos quais a linguagem é apenas um dos modos comunicativos. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos implicar que não poderia ser diferente com os estudos propostos sobre a metáfora e metonímia, principalmente por essas serem consideradas fenômenos conceituais e cognitivos presentes em nosso pensamento. No caso das metáforas, é possível encontrarmos alguns

---

\* Doutoranda pela UFMG e mestre pela UFSJ.

estudos, destacando os desenvolvidos por Forceville (2009). Para este autor, a metáfora não pode ser considerada apenas uma questão de linguagem, mas como estrutura de nosso pensamento e ação, dessa forma, ela pode ocorrer em outros modos e não apenas no modo verbal.

Em relação aos estudos metonímicos, também são escassos os trabalhos que o abordam além do nível verbal, dedicando-se aos outros níveis semióticos que compõem um determinado texto. Porém, já é possível encontrarmos estudos que se dedicam a abordar a metonímia não apenas no modo verbal, mas em modos como o imagético, como Paiva (2010).

No entanto, verificamos que quando são abordadas como processos conceitualmente dependentes, ou seja, como processos que interagem na construção de sentido, metáfora e metonímia são trabalhadas em um plano exclusivamente verbal, sendo mínimos os trabalhos que abordam essa interação em outros níveis, ou entre outros níveis que constituem o discurso multimodal, temos como exemplo de autores que se dedicam a este estudo Urios-Aparisi (2009) e, aqui no Brasil, Paiva (2010).

Diante dessa deficiência, temos como objetivo neste artigo demonstrar que a interação metafórica e metonímica pode ser codificada não apenas no modo verbal, mas nos e entre os diferentes modos, em especial no e entre o verbal e imagético. Para atender a esta finalidade, dividiremos nosso trabalho em quatro partes, sendo as três primeiras teóricas e a última prática. Assim, a primeira seção é dedicada à metáfora, com a apresentação de teorias que têm se destacado nos estudos deste processo, dando um destaque à proposta da metáfora multimodal como desenvolvida por Forceville (2009). Na segunda seção, nos dedicamos aos estudos metonímicos, demonstrando a forma pela qual esses foram e são abordados, em especial, pela Linguística Cognitiva. Finalizamos nossas seções teóricas com a interação metafórica e metonímica. Na quarta seção, faremos uma análise, com base nas teorias expostas, da forma pela qual metáfora e metonímia interagem nos e entre os diferentes modos presentes nos discursos multimodais tendo como corpus quatro charges.

## **2. O PROCESSO METAFÓRICO: DA METÁFORA CONCEPTUAL À MULTIMODAL**

Desde a antiguidade a metáfora tem oferecido subsídios, a filósofos e especialistas em retórica, para uma reflexão sobre a linguagem. Na tradição retórica, a metáfora era considerada um fenômeno de linguagem, ou seja, um ornamento linguístico. Era concebida como um desvio da linguagem usual, própria de determinados usos, como a linguagem poética e a persuasiva.

Mas, a partir de 1970, uma mudança paradigmática com uma ruptura profunda do pressuposto objetivista possibilitou uma reformulação em nossa maneira de conceber a objetividade, a verdade, o sentido e a metáfora. A metáfora, dentro do novo paradigma, passa a ter seu valor cognitivo reconhecido, deixando de ser uma simples figura de retórica para uma operação cognitiva fundamental. Reddy (1979), por meio de uma análise rigorosa de diversos enunciados, procurou investigar a questão do problema da comunicação na língua inglesa. De acordo com Zanotto (2002), a metáfora do canal, proposta por Reddy, revela que a linguagem é concebida como um “canal” que transfere, corporeamente, os pensamentos de uma pessoa para outra, como se as pessoas inserissem seus pensamentos e

sentimentos nas palavras, e essas fossem conduzidas de uma pessoa para outra que, ao ouvir ou ler, extraem esses pensamentos e sentimentos novamente.

Seguindo os passos de Reddy, Lakoff e Johnson, em 1980, lançam “Metaphors we live by”, traduzido para o português como “Metáforas da Vida Cotidiana”, que produz uma revolução nos estudos sobre metáfora, por assumir como tese central a pressuposição de que a metáfora é onipresente e essencial na linguagem e no pensamento. Os autores trabalharam, de forma mais explícita, a metáfora do canal proposta por Reddy e propuseram as metáforas conceituais subjacentes às expressões linguísticas. Assim, nossas expressões linguísticas são governadas por generalizações: as metáforas conceituais ou conceitos metafóricos (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 17).

A partir dessa tese, a compreensão de mundo passa a ser vinculada à concepção da metáfora, uma vez que grande parte de conceitos básicos, como tempo, quantidade, estado, ação etc., além dos conceitos emocionais, como raiva e amor, são compreendidos metaforicamente. Isso evidencia o importante papel da metáfora na compreensão do mundo, cultura e de nós mesmos.

A metáfora passa a fazer parte do cotidiano das pessoas, não apenas na linguagem, mas também nas ações e no pensamento na medida em que todo sistema conceitual ordinário, sistema através do qual pensamos e agimos, passa a ser concebido como predominantemente metafórico por natureza.

Porém, devemos destacar, que mesmo com a afirmação de que a metáfora é onipresente na vida das pessoas, não apenas em sua linguagem, mas no pensamento e nas ações, o que verificamos nos estudos propostos sobre a metáfora é que há um grande número de pesquisas que se voltam para as metáforas conceituais produzidas pelo modo verbal, deixando os outros modos à margem. Acreditamos que uma teoria da metáfora não pode basear-se apenas nas manifestações verbais, isso poderia resultar em uma visão parcial do que a constitui, ainda mais nos contextos atuais, nos quais, a partir dos estudos de Kress e Van Leeuwen (1996), a dimensão multimodal dos sistemas semióticos tem impulsionado a interpretação dos elementos constitutivos de um texto em direção à complexidade das articulações entre o verbal e o não-verbal. Diante disso, necessitamos de uma proposta que aborde as metáforas que são construídas não apenas pelo modo verbal, mas aquelas que são construídas entre os diferentes modos que constituem um texto multimodal. Essa proposta é encontrada nos trabalhos de Forceville sobre metáfora multimodal.

Charles Forceville (2009) recorre à Teoria da Metáfora Conceitual para desenvolver sua proposta de metáfora multimodal. Para o autor, a conceitualização de Lakoff e Johnson (1980) de que a metáfora consiste na compreensão e experiência de um conceito em termos outro evita a utilização das palavras verbal e linguística, mas essa teoria, de acordo com Forceville (2009), reivindica a existência de metáforas conceituais detectáveis exclusivamente na forma verbal. Segundo o autor, isso poderia nos levar a duas questões perigosas: 1) podemos ter o risco de um círculo vicioso, ou seja, a pesquisa desenvolvida pela Linguística Cognitiva sofre de um raciocínio circular, iniciando-se com uma análise da linguagem que infere algo sobre a mente e o corpo, os quais em retorno motivam diferentes aspectos da estrutura linguística e do comportamento; 2) a concentração exclusiva ou predominante sobre as manifestações verbais da metáfora corre o risco de cegar os pesquisadores dos aspectos da metáfora que ocorrem apenas em representações não-verbais e multimodais.

Diante dessa deficiência, o autor nos propõe a metáfora multimodal. Faremos abaixo a sua apresentação e sua distinção das consideradas metáforas monomodais. No

entanto, antes de distinguirmos a metáfora monomodal da multimodal, devemos primeiro expor o que será entendido por “modo” nesta teoria. De acordo com Forceville (2009), essa não é uma tarefa fácil, já que esse conceito é um complexo de vários fatores. A primeira aproximação a ser feita é de considerá-lo um sistema de signos interpretáveis por causa de um processo de percepção específico. A aceitação dessa abordagem relacionaria os modos um a um aos cinco sentidos, fazendo com que tivéssemos a seguinte lista: 1) o modo pictórico ou visual, 2) o modo sonoro, 3) o modo olfativo, 4) o modo gustativo e 5) o modo tátil. Porém, o autor advoga que seria uma categorização bruta, já que, por exemplo, o modo sonoro agruparia a língua falada, música e outros sons não-verbais. Diante disso, ele propõe uma lista com nove tipos de modo: 1) signo pictórico, 2) signo escrito, 3) signo falado, 4) gestos, 5) sons, 6) música, 7) cheiro, 8) gosto e 9) toque.

Agora podemos seguir com a definição das metáforas multimodal e monomodal, já que essas envolvem a utilização de um ou mais modos acima expostos. A metáfora monomodal é definida como aquela na qual alvo e fonte são exclusivamente ou predominantemente processados em apenas um modo. A metáfora monomodal prototípica é a amostra verbal. Apresentamos abaixo um exemplo de metáfora monomodal:

“É essa divisão radical da sociedade que dá à *luta* pela reforma agrária uma característica de guerra santa. E, como toda guerra santa, é uma guerra sem alternativas, sem saídas políticas”.

A sentença acima, que faz parte da reportagem intitulada “Sem terra e sem lei”, produzida pela revista *Veja*, pode ser considerada expressão metafórica da metáfora REFORMA AGRÁRIA É GUERRA. Nessa metáfora, tanto a fonte, GUERRA, quanto o alvo, REFORMA AGRÁRIA, são produzidos exclusivamente por um único modo, o signo escrito.

Forceville (2009) advoga que um tipo de metáfora que tem despertado um interesse crescente nos estudiosos é a visual. Temos abaixo um exemplo dessa metáfora:



Figura 1 – Charge da bandeira do Brasil (Fonte: Jornal do Commercio)

A charge acima é construída a partir de dois domínios, sendo esses exclusivamente imagéticos: temos o domínio BRASIL, representado pela imagem da bandeira; e o domínio ESGOTO/BUEIRO; representado pelo círculo. Sabemos que os bueiros são valas que escoam as águas das chuvas, assim como o lixo deixado nas ruas das cidades; assim, podemos inferir, a partir da imagem acima, que o Brasil é visto como um bueiro que escoam uma sujeira podre, como a imagem do líquido com moscas demonstra.

Por outro lado, a metáfora multimodal é aquela em que alvo e fonte são representados exclusivamente ou predominantemente sobre diferentes modos. De acordo com Forceville (2009), a qualificação “exclusivamente ou predominantemente” é necessária porque as metáforas não verbais frequentemente possuem fontes e/ou alvos que são construídos sobre mais de um modo simultaneamente. O sentido da propaganda abaixo é construído a partir da denominada metáfora multimodal:



Figura 2 – Propaganda do carro celta (Fonte: Revista Época, n 417, maio de 2006)

Nela temos o verbal com os dizeres “Músculos de aço mesmo” e a do produto. Nesse caso, há a utilização de dois domínios: o domínio PESSOA (de um ser animado), representado pela palavra ‘músculo’ e a imagem do braço com o punho cerrado; e o domínio PRODUTO, representado pela imagem do carro. Nesse caso, temos a personificação do produto, atribuindo a ele característica de seres animados. Assim, o produto, nesse caso o carro, é resistente, forte, já que possui músculos de aço.

Outro exemplo de metáfora multimodal pode ser verificado na propaganda abaixo. Nela temos a imagem de uma moto com a seguinte frase “Honda, paixão tão grande como o futebol”. Nessa propaganda temos a criação de dois domínios: o domínio FUTEBOL e o domínio PRODUTO, nesse caso, a moto Honda. Cada domínio é construído, como no exemplo acima, a partir de modos diferentes: o domínio fonte, FUTEBOL, pelo modo verbal e imagético (a imagem do braço); e o domínio alvo, MOTO HONDA, pelo visual. Assim, constrói-se o sentido de que a paixão pela moto Honda é tão grande quanto pelo futebol, que é considerado a paixão nacional.

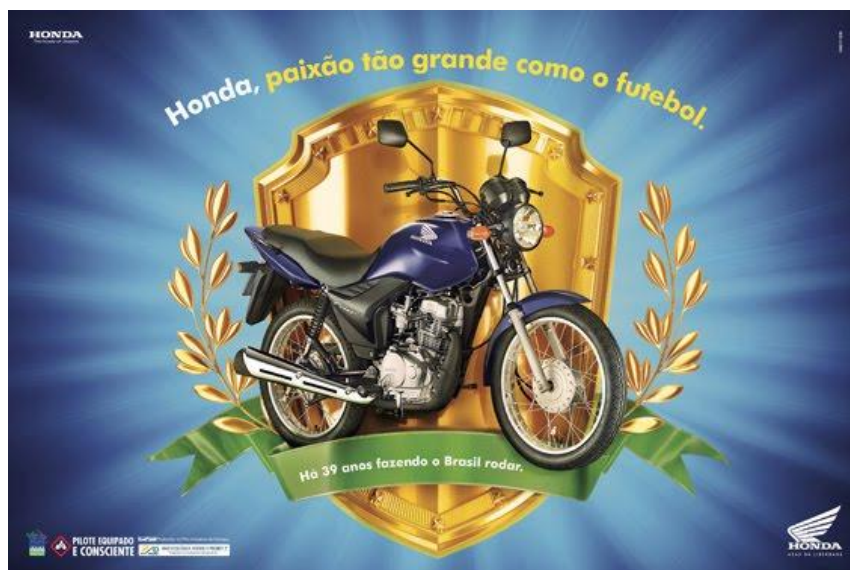


Figura 3 – Propaganda da moto Honda (Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>)

### 3. O PROCESSO METONÍMICO: DA PERSPECTIVA CLÁSSICA À PROPOSTA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

O processo metonímico, diferente do metafórico, não foi alvo do interesse de muitos autores, fato que pode ser observado desde os estudos clássicos. De acordo com Al-Sharafi (2004), a falta de interesse, por parte dos filósofos e retóricos, no estudo da metonímia na retórica ocidental decorre do fato de que, como eles estavam voltados para o uso poético da linguagem, consideravam a metáfora como processo primário para o domínio figurativo e negligenciavam a metonímia, já que esta não envolvia simbolismo e unidade dupla de significação. Diante disso, a metáfora passou a ser colocada no centro dos estudos, deixando a metonímia à margem.

A metonímia foi tratada dessa forma até 1950, quando Jakobson promoveu um estudo no qual metáfora e metonímia são abordadas como duas figuras distintas, baseadas em diferentes tipos de relações. O autor constrói seus estudos tendo como base os polos sintagmáticos e paradigmáticos do signo linguístico de Saussure. Para ele, a seleção está relacionada ao polo paradigmático e a combinação ao sintagmático. De acordo com Dirven (2003), Jakobson considera os pólos metafóricos e metonímicos como duas possibilidades fundamentais de estruturar a conceitualização humana, sendo que esse duplo caráter da linguagem aplica-se a qualquer signo linguístico que possua dois modos de arranjo: um tópico nos leva a outro ou por seleção, ou por contiguidade, sendo que o primeiro é denominado como metafórico e o segundo metonímico. Assim, a operação sintagmática é baseada na contextura, na combinação; e a operação paradigmática na seleção, substituição, exploração de contraste e similaridade. No entanto, mesmo com a proposta desenvolvida por Jakobson, a metonímia ainda permaneceu à margem. Como Dirven (2003) argumenta, o polo sintagmático tem sido tradicionalmente negligenciado.

Para Al-Sharafi (2004), na visão clássica, tínhamos tentativas dispersas e aleatórias de definição da metonímia que apareciam em um determinado tempo e logo desapareciam. Dessa forma, sua história oscilava entre definições reduzidas que tentavam obter algum progresso em sua definição e aquelas que se voltavam para a definição clássica. Além



disso, os trabalhos foram realizados sobre a suposição de que a metonímia era um dispositivo poético que continha alguma espécie de desvio da linguagem como forma de fornecer encanto e beleza ao estilo.

No contexto atual, em especial nos estudos da Linguística Cognitiva, podemos observar um aumento significativo de trabalhos dedicados à metonímia. Lakoff e Johnson (2002) advogam que, enquanto a metáfora é uma forma de conceber uma coisa em termos de outra, tendo como função primária o entendimento/compreensão, a metonímia possui uma função referencial, ou seja, ela nos permite utilizar uma entidade para representar outra.

Para Al-Sharafí (2004), ao colocarem a metonímia dessa forma, os autores produzem uma visão reducionista deste tropo, fazendo com que ela tenha um papel marginal nos processos cognitivos, já que não contribuiria na estruturação conceptual de nossa experiência. Porém, Al-Sharafí (2004) afirma que os autores reconhecem que a metonímia não possui apenas uma função referencial, mas que ela contribui em nossa compreensão, destacando aspectos importantes para a nossa comunicação. Assim, Lakoff e Johnson (2002) passam a abordar tanto metáfora quanto metonímia como processos cognitivos, sendo que a diferença entre esses dois processos estaria no número de domínios, já que na metáfora teríamos a presença de dois domínios distintos, enquanto que a metonímia trabalha com apenas um único domínio.

Outro autor que vem se dedicando ao estudo metonímico é Croft (2003). Para isso, ele utiliza como base o conhecimento enciclopédico reivindicado pela semântica cognitiva, assim grande parte do que conhecemos sobre um determinado conceito estará presente em seu significado. Tendo como base essa pressuposição, Croft (2003) advoga que um conceito pode pressupor vários domínios como, por exemplo, o conceito de ‘ser humano’ que é definido em relação aos domínios de objeto físico, coisas vivas, agentes, dentre outros domínios; a combinação simultânea desses domínios é denominada de domínio matriz. De acordo com o autor, a noção de domínio é crucial para diferenciarmos metáfora da metonímia, já que a metáfora envolve o que ele denomina de mapeamento de domínios e a metonímia de destacamento. Assim, metáfora é definida como o mapeamento entre dois domínios que não fazem parte da mesma matriz e a metonímia, por outro lado, seria o mapeamento ocorrido em um único domínio matriz.

Seguindo essa linha cognitiva para os estudos metonímicos, temos Panther e Radden (1999), que defendem que a metonímia é um fenômeno cognitivo que pode ser considerado mais fundamental que a metáfora, sendo aquela um fenômeno cognitivo que subjaz muito de nosso pensamento ordinário e o seu uso na linguagem um reflexo de sua condição conceptual. Os autores afirmam que ao abordar a estrutura conceptual, com a qual a metonímia é compreendida, a partir de frames, cenários, domínios (como Croft acima apresentado) e modelos cognitivos idealizados (como Radden e Kövecses, como será demonstrado abaixo) a ligação metonímica é estabilizada em um sentido mais amplo, fazendo com que sua visão tradicional de função referencial seja suspensa.

Prosseguindo com esta linha de raciocínio, temos Radden e Kövecses (1999), que propõem um estudo conceptual da metonímia como processo cognitivo. De acordo com os autores, a metonímia é um fenômeno conceptual, um processo cognitivo que opera em um modelo cognitivo idealizado. Como fenômeno conceptual, eles advogam que a metonímia não pode ser considerada apenas como substituição do nome de uma coisa por outra, mas um fenômeno conceptual, que, como a metáfora, faz parte de nossa forma diária de pensamento, fundamentada em nossa experiência, estruturando nossos pensamentos e ações.



Tomando como base a proposta de Langacker (1993), que aborda a metonímia como ponto de referência, os autores desenvolvem seu conceito de metonímia. Esta é vista como um fenômeno cognitivo no qual a entidade conceptual, o veículo, promove acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, em um mesmo modelo cognitivo idealizado (MCI).

Todos os autores acima apresentados, tanto na seção dedicada à metáfora quanto na dedicada à metonímia, abordam esses processos como sendo independentes um do outro. No entanto, como já tem sido demonstrado por muitos autores, metáfora e metonímia são processos que interagem na construção de sentido, questão que será abordada na próxima seção.

#### 4. A PROPOSTA DA INTERAÇÃO METAFÓRICA E METONÍMICA

Estudos contemporâneos em Linguística Cognitiva já firmam o postulado de que metáfora e metonímia não são conceitualmente independentes, mas mecanismos que interagem entre si. Essa questão que foi sistematizada por Goossens (2003) e retomada por Barcelona (2003). Goossens (2003) encontra evidências dessa interação, a qual passa a ser denominada pelo autor, a partir de um neologismo, como *metafonímia*<sup>1</sup>. Ele parte do pressuposto de que existem domínios conceituais complexos construídos a partir da combinação de outros domínios, os quais podem ser complexos ou básicos. Assume, nesse sentido, que as fronteiras estabelecidas entre os domínios conceituais são quase sempre fluídas, motivo pelo qual pode haver a interpenetração entre metáfora e metonímia, chegando assim à conclusão de que processos cognitivos, que eram considerados a princípio distintos, podem aparecer de forma integrada em expressões da linguagem natural cotidiana.

Segundo o autor, podemos classificar a *metafonímia* a partir de dois tipos básicos:

- *Metafonímia integrada*, metonímia dentro de metáfora e metáfora dentro de metonímia.
- *Metafonímia cumulativa*, metáfora a partir da metonímia e metonímia a partir de uma metáfora.

O autor advoga que a interação cumulativa da metáfora a partir de uma metonímia é que “subjacente à metáfora, há o entendimento de que os domínios fonte e alvo podem ser unidos de forma natural e simultânea numa única cena complexa, situação típica da formação da metonímia” (GOOSSENS, 2003, p.366). Nesse tipo de interação, dependendo do contexto no qual há a realização da expressão linguística, a interpretação pode ser vista ou como uma metonímia, ou como uma metáfora a partir de uma metonímia. Isso evidencia que, independente do tipo de interpretação, temos a corroboração da hipótese da interação entre metáfora e metonímia. Segundo o autor, esse tipo de ocorrência é frequente nos dados do domínio do som, em especial nos casos em que está associado a uma atividade humana que pode coocorrer com a ação linguística. Como exemplo, o autor nos oferece a expressão *giggle* (“risada”), que ilustra esse primeiro tipo de interação. Para ele, o uso típico dessa expressão poderia ser “Oh dear”, she giggled, “I had quite forgotten” (“Oh querida”, ela riu, “eu esqueceria completamente”), sendo que uma das possíveis interpretações é que a responsável pelo enunciado o tenha proferido enquanto sorria. Nessa situação, a leitura da expressão seria puramente metonímica, nesse caso PARTE PELO

---

<sup>1</sup> Tradução feita de acordo com Paiva (2010).

TODO, um componente da complexa cena de falar e dar risadas é utilizado para denotar o todo. (GOOSSENS, 2003, p. 356-357) Outra forma de interpretarmos essa expressão é isso tenha sido dito como se estivesse rindo, havendo o cruzamento de domínios, o que produz a interpretação metafórica, desde que essa situação seja vista como se uma pessoa tivesse dito isso em tom de gracejo, como se sorrindo, e não que o faça na realidade. Com as palavras do autor “a similaridade entre a leveza causada no coração por uma gargalhada e aquela maneira de dizer as coisas é o que motiva a metáfora”. (GOOSSENS, 2003, p. 373)

Em relação à interação cumulativa da metonímia a partir de uma metáfora, o autor argumenta que é mais difícil de ser concebida e possui ocorrência rara, tanto é que ele não a insere em suas análises. Mas, segundo ele, não podemos negar sua existência. O autor justifica que a dificuldade em encontrar esse tipo de integração cumulativa está no fato da forma pela qual metáfora e metonímia são processadas, já que a metáfora é produzida a partir do mapeamento entre dois domínios distintos, fonte e alvo; enquanto que na metonímia o mapeamento ocorre no interior de um único domínio. O autor exemplifica essa interação com a expressão “blow one’s own trumpet” (“Tocar seu próprio trompete”), que é utilizada no sentido de alguém falar bem de si mesmo, para fazer propaganda de si próprio. Nesse caso, o caráter festivo e público de se tocar trompete é mapeado para o autoelogio, configurando a interpretação metafórica. Goossens (2003) simula, em uma cena inverossímil, a possibilidade dos dois termos ocorrerem juntos, a partir da declaração: “Remarkable, the chap is blowing his own trumpet!” (“Notável, o sujeito está tocando seu próprio trompete”). Segundo o autor, nessa circunstância teremos uma interpretação metonímica, mas, considerando que a leitura metafórica é altamente convencional, ele trata desse exemplo como metonímia a partir da metáfora (GOOSSENS, 2003, p. 356).

No caso das *metafonímias integradas*, podem ocorrer ou a partir da metonímia dentro da metáfora, ou da metáfora dentro da metonímia. O primeiro tipo, defende o autor, pode ser considerado a formação típica de uma metáfora (processo envolvendo o mapeamento entre dois domínios discretos, A e B), mas que possui embutido uma metonímia. Essa interação é exemplificada, pelo autor, no domínio referente a partes do corpo, como ocorre com a expressão “Bite one’s tongue off” (“morder a língua”) utilizada quando há o arrependimento de ter dito algo. Nesse caso, a “língua” é processada literalmente no domínio fonte de uma cena de origem caracterizada como autopunição. Com o mapeamento feito para o domínio alvo, o significado construído é de “privar-se de sua habilidade de falar”, com a metonímia sendo a língua tomada pela faculdade de falar como um todo (GOOSSENS, 2003, p. 363-364).

O segundo tipo, metáfora dentro da metonímia, possui uma rara ocorrência. Para o autor, isso ocorre pelo fato de que a inserção de uma metáfora na metonímia tende a provocar uma *metaforização* da expressão como um todo. Dessa forma, esse caso é típico em situações em que a leitura metonímica permanece relevante no significado da ocorrência, como ocorre na expressão “be/get up one’s hind legs” (“levantar-se em suas pernas traseiras”) no sentido de levantar para dizer ou argumentar sobre alguma coisa.

Apesar de Goossens ser considerado pioneiro no estudo da interação entre metáfora e metonímia, fato até então pouco discutido no âmbito da Linguística Cognitiva, devemos estar conscientes de que o autor coletou os dados para sua pesquisa em dicionários representativos da língua inglesa. Dessa forma, podemos considerar que as expressões dicionarizadas comprovam o seu uso, mas um uso que se encontra recortado de seu contexto. Esse fato pode ser observado quando Goossens (2003) faz a classificação dos tipos de *metafonímias* recorrendo a simulações de exemplos que são quase sempre descontextualizados. O próprio autor reconhece que às vezes há dificuldade em se

determinar a interpretação mais adequada para uma determinada expressão linguística. Acreditamos que talvez essa dificuldade seja resultado da descontextualização das expressões utilizadas.

Outro autor que tem se dedicado aos estudos da interação entre metáfora e metonímia é Barcelona (2003). O autor propõe a existência de dois tipos de interação: uma concentrada no nível puramente conceitual e outra que se realiza pela coinstanciação textual da metáfora e metonímia na mesma expressão linguística. No nível conceitual, ele nos apresenta dois tipos de interação:

- motivação metonímica da metáfora
- motivação metafórica da metonímia.

O autor afirma que esse primeiro tipo pode ser considerado como problemático para a teoria da metáfora, já que passa a ser possível a comprovação de que um número considerável de metáforas possui base metonímica. É interessante que o autor, como forma de comprovar suas teses, recorre a um exemplo típico de metáfora proposto por Lakoff (1987), a metáfora IRA É O CALOR DE UM FLUÍDO. Tendo como base os estudos de outros autores, Barcelona (2003) propõe que a metáfora, nesse caso específico, é motivada a partir de um grupo de metonímias nas quais alguns efeitos fisiológicos da raiva passam a representar a emoção (BARCELONA, 2003, p. 242). Como exemplos dessas metonímias, o autor cita as situações abaixo, indicando, simultaneamente (à esquerda), os tipos de efeitos fisiológicos da raiva que a representam metonimicamente:

- 1) Calor do corpo: não es quente do pescoço para baixo
- 2) Pressão interna: quando descobri, quase estourei uma artéria.
- 3) Agitação: eu estava saltando de loucura (BARCELONA, 2003, p. 242).

Na interação metafórica da metonímia temos como exemplo a expressão: “She caught the Minister’s ear and persuaded him to accept her plan” (“Ela tomou o ouvido do ministro e o persuadiu a aceitar seu plano”). Barcelona (2003) advoga que, nesse caso, há a ocorrência da metáfora conceitual ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA, mas, ao mesmo tempo, podemos identificar uma versão específica da metonímia PARTE DO CORPO POR FUNÇÃO (BARCELONA, 2003, p. 244).

O segundo tipo de interação, proposto pelo autor, a coinstanciação textual da metáfora e da metonímia no interior de uma mesma expressão linguística, é definido a partir da ocorrência da metonímia em expressões linguísticas sem nenhuma dependência de um dado mapeamento metafórico, mesmo com a coocorrência de um mapeamento metafórico em alguma outra expressão. Com as palavras do autor: “essa coocorrência se dá não devido ao fato de que um deles motiva o outro conceitualmente, mas ao fato de que eles são compatíveis” (BARCELONA, 2003, p. 245). Essa interação é ilustrada pela sentença “O sanduíche de presunto começou a rosar”, em que o autor argumenta que há uma versão especial da metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, sendo expressa por COMPORTAMENTO IRADO É O COMPORTAMENTO AGRESSIVO DE UM ANIMAL, responsável pela expressão “começou a rosar”. Em contraposição, a expressão “o sanduíche de presunto” é licenciada pela metonímia COMIDA POR FREGUÊS DO RESTAURANTE. Para o autor, tanto a metáfora quanto a metonímia possuem como alvo uma classe de pessoas ou um aspecto dela e isso as tornam compatíveis entre si. Mas, por outro lado, mesmo com a coocorrência, ambos os processos são conceitualmente independentes entre si, o que pode ser comprovado pelo fato de ambas poderem ocorrer separadamente (BARCELONA, 2003, p. 245).

Podemos considerar que, da mesma forma que Goossens (2003), Barcelona (2003) também recorre a enunciados isolados de seu contexto como forma de ilustrar os tipos de interação que ocorrem entre metáfora e metonímia, o que nos faz novamente argumentar que esse tipo de análise descontextualizada pode limitar o alcance das análises.

Outro autor que tem se dedicado ao estudo da interação entre metáfora e metonímia é Radden (2003). O autor compreende os conceitos de metáfora e metonímia sobre a forma de um *continuum* e assume a existência de casos difusos, como, por exemplo, as metáforas baseadas em metonímias.

Julgamos necessário destacar que Radden (2003), ao explicitar suas hipóteses, chama a atenção para a dificuldade que ocorre na distinção entre as noções de metáfora e de metonímia. Segundo o autor, isso está relacionado à noção de domínio conceitual. Tal noção envolve conceitos, experiências e sistemas de conhecimento que se encontram envoltos na subjetividade, mesmo que não possamos descartar que em nossa experiência há uma grande parcela de intersubjetividade. Assim, a caracterização das estruturas semânticas, e podemos acrescentar também a linguagem figurada, pode variar de pessoa para pessoa. O autor oferece como forma de exemplificação a base experiencial da metáfora MAIS É PARA CIMA. Segundo Lakoff (1993), essa metáfora está fundamentada em nossa experiência de pôr mais líquido em um recipiente e observar o aumento do nível da substância, como, por exemplo, quando acrescentamos coisas a uma pilha e a vemos crescer. Em contraposição, Taylor advoga a possibilidade da argumentação da altura estar correlacionada à quantidade, sendo assim, há a possibilidade da associação natural entre quantidade e extensão vertical, que é considerada metonímica.

É a partir dessas considerações que Radden (2003) formula sua tese de que as noções de literal, metonímico e metafórico sejam consideradas como estando localizadas em um *continuum*. A partir disso, o autor focaliza seu trabalho nesse *continuum*, no qual, segundo ele, há a transformação da metonímia gradativamente em metáfora. Mas, da mesma forma que os autores acima apresentados, Radden focaliza seus estudos apenas no plano verbal. Após a apresentação das teorias acima, faremos, na próxima seção, a análise de quatro charges com a finalidade de demonstrarmos que a interação metafórica e metonímica, acima exposta, pode ocorrer nos e entre os diferentes modos que constituem nossos discursos ordinários. Passemos agora à análise.

## 5. ANÁLISE

Antes de iniciarmos nossas análises gostaríamos de destacar que o conceito de metonímia que será utilizado neste trabalho é o proposto por Radden e Kövecses (1999), ou seja, aquele que a concebe como um processo cognitivo que possui uma entidade conceptual, o veículo, que nos faz ativar mentalmente outra entidade conceptual, o alvo, em um modelo cognitivo idealizado. Julgamos necessário este esclarecimento devido ao fato de que os estudos dedicados à metonímia, diferente do que ocorre com a metáfora, apresentam algumas divergências, já que nem todos os autores concordam em suas definições. Em relação à interação entre metáfora e metonímia, utilizaremos os trabalhos propostos por Goossens (2003) e Barcelona (2003), já que ambos os autores compartilham a ideia de que metáfora e metonímia podem aparecer integradas em expressões da linguagem cotidiana.

Iniciaremos nossa análise com a charge abaixo, que possui como temática a política. Podemos observar que o sentido resultante dessa charge é produzido pelos

diferentes modos que a constituem, que, neste caso específico, é o modo verbal e o imagético.

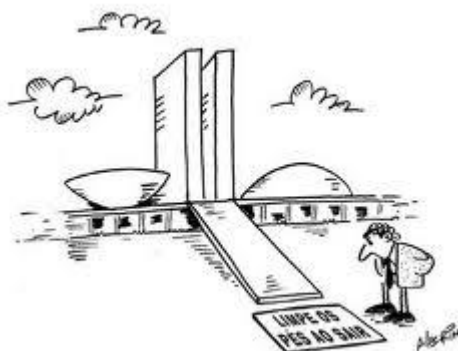


Figura 4 – Charge Senado (Fonte: chargeonline.com.br)

A charge em questão é construída pela imagem do congresso nacional em conjunto com a seguinte frase: “Limpe os pés ao sair”. Podemos inferir a partir desses modos imagético e verbal a seguinte metáfora conceitual: **POLÍTICA BRASILEIRA É SUJA/IMUNDA**, tendo a presença do domínio da sujeira, do imundo; conceitualizando o domínio da política. Como cada um dos domínios são construídos a partir de modos diferentes, neste caso o verbal e o imagético, podemos considerar essa metáfora, de acordo com Forceville (2009), como metáfora multimodal. No entanto, a metáfora multimodal acima está em interação com a metonímia **LOCAL POR INSTITUIÇÃO**, já que temos a imagem do congresso nacional representando a instituição que ali se localiza, neste caso, a política. Dessa forma, temos o **LOCAL**, como veículo, que nos faz ativar mentalmente o alvo, **INSTITUIÇÃO**, fazendo com que, ao nos depararmos com a imagem do congresso nacional, sejamos capazes de compreender que este representa a política brasileira.

Podemos considerar que o sentido da charge acima resulta da interação denominada por Goossens (2003) como metafonímia integrada e por Barcelona (2003) como motivação metonímica da metáfora, já que a construção da metáfora multimodal **POLÍTICA BRASILEIRA É SUJA/IMUNDA** só é possível por causa da metonímia **LOCAL POR INSTITUIÇÃO** que está embutida em seu domínio alvo, motivando assim a criação dessa metáfora.

A próxima charge também constrói seu sentido a partir da interação metafórica e metonímica. Neste caso, temos a metáfora **FMI É PRESENTE DE GREGO**, sendo o domínio fonte, **PRESENTE DE GREGO**, construído a partir do modo imagético; e o domínio alvo, **FMI**, a partir do modo verbal. Assim, temos mais uma vez uma metáfora multimodal, sendo que essa possui como base duas metonímias que são construídas no modo imagético. Estas são exemplos da metonímia **PARTE PELO TODO**: com a imagem do cavalo representando toda a história de Tróia; e a roupa, os acessórios e a imagem ao fundo representando a Grécia. Temos novamente a metafonímia integrada, proposta por Goossens (2003), e a motivação metonímica da metáfora de Barcelona (2003), já que a construção da metáfora multimodal **FMI É PRESENTE DE GREGO** é possível por causa das metonímias que nela estão embutidas. Assim, a construção dos domínios fonte e alvo dessa metáfora é feita a partir das metonímias supracitadas, fazendo com que essas motivem a criação da metáfora. Portanto, o sentido produzido a partir dessa interação e do contexto social é que o **FMI**, Fundo Monetário Internacional, acabou virando um presente

de grego para os trabalhadores da Grécia, já que, com a crise financeira de 2008, o governo grego precisou ser socorrido pelo FMI e com o socorro financeiro veio a necessidade do arrocho salarial e cortes brutais nos gastos públicos.



Figura 5 – Charge FMI (Fonte: Pautaria)

A próxima charge a ser analisada, como a primeira, também possui como temática a política. Nela temos a utilização de dois domínios: de uma história infantil, neste caso a história de chapeuzinho vermelho, e da política, sendo que o domínio fonte é o da HISTÓRIA INFANTIL e o domínio alvo a POLÍTICA. Essa metáfora pode ser considerada uma metáfora não-verbal, como advoga Forceville (2009), pelo fato de ela ser construída a partir da sobreposição de mais de um modo em seu domínio fonte e alvo. Dessa forma, o domínio fonte, a história de chapeuzinho vermelho, é construído pelo modo verbal com os dizeres “Pra que essa boca tão grande”, que nos remete à história em questão, e as imagens do lobo mau e de chapeuzinho, enquanto que o domínio alvo é construído a partir do verbal com os dizeres “base aliada”, que nos remete à política, e a imagem de chapeuzinho que possui traços de nossa atual presidente Dilma Rousseff.

Podemos considerar que essa metáfora possui como base três metonímias: a metonímia VESTUÁRIO POR PERSONAGEM, já que a roupa e o capuz vermelho nos faz ativar mentalmente a personagem chapeuzinho vermelho; e duas metonímias PARTE PELO TODO: a imagem do lobo mau, que nos faz ativar mentalmente toda a história de chapeuzinho vermelho; e a imagem de chapeuzinho, já que essa é composta de traços (cabelo, boca, olhos e dentes) que nos remetem à presidente Dilma.

Mais uma vez, temos a interação denominada por Goossens (2003) como metafonímia integrada e por Barcelona (2003) de motivação metonímica da metáfora, já que a metáfora acima apresentada é construída a partir das metonímias supracitadas, ou seja, é a partir do personagem lobo mau, dos traços da presidente, do vestuário da personagem que conseguimos construir os domínios fonte e alvo presentes nessa metáfora.



Figura 6 – Charge Chapeuzinho Vermelho (Fonte: Jornal O popular – GO)

Finalizaremos nossa análise com uma charge composta apenas por um único modo: o imagético. Nela temos a presença da metáfora conceitual **POLÍTICA É LENTA**, com o domínio fonte, **LENTA**; e o domínio alvo, **POLÍTICA**. Essa metáfora é denominada por Forceville (2009) como monomodal, sendo essa construída apenas pelo modo visual. A metáfora monomodal abaixo possui como base duas metonímias: temos novamente a metonímia **LUGAR POR INSTITUIÇÃO**, já que a imagem do congresso nacional está representando a instituição política; e temos a imagem da tartaruga, que nos faz ativar mentalmente nosso alvo que é a lentidão, uma de suas características, assim temos a metonímia **TODO PELA PARTE**. Essa interação é a mesma que se faz presente nas três charges acima analisadas, a metafonímia integrada e a motivação metonímica da metáfora, já que a metáfora acima é construída a partir das metonímias nela embutidas.

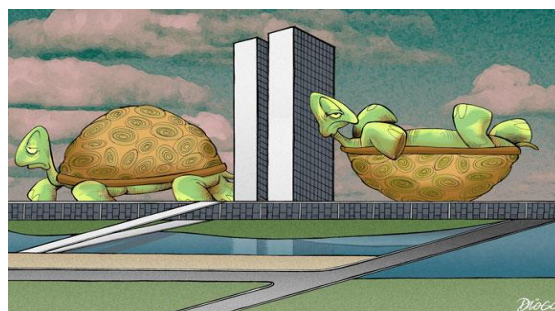


Figura 7 - Charge Tartaruga (Fonte: Jornal da Tarde – SP)

## 6. CONCLUSÃO

Pretendeu-se neste artigo fazer uma demonstração da forma pela qual metáfora e metonímia interagem na construção de sentido. Para isso, nos atemos aos diferentes modos presentes na composição de nossos textos, neste caso aos modos verbal e imagético. Nossa intenção foi demonstrar que essa interação não se restringe apenas ao nível textual, como os precursores deste estudo demonstraram, mas que ela se estende aos diferentes níveis e entre os diferentes níveis, fato que foi comprovado a partir das análises acima



apresentadas. Nas três primeiras análises, verificamos a interação entre os diferentes níveis, neste caso em especial, entre o modo verbal e o imagético; e na última análise observamos a interação em apenas um modo, o imagético.

Acreditamos que os estudos dedicados a essa interação encontram-se no início de uma longa caminhada, já que ainda são necessários estudos mais aprofundados nessa área, principalmente aqueles que se dediquem a essa interação entre os diferentes modos que constituem um determinado texto, já que, como advoga Kress (2000), é impossível compreendermos os textos, até mesmo suas partes linguísticas, sem ter uma ideia clara de como esses e outros elementos contribuem para o seu significado. Dessa forma, a interação metafórica e metonímica pode ser considerada uma forma de se analisar o texto multimodal, já que a partir dela podemos observar que a imagem não apenas completa o verbal, mas ela está conectada com o verbal na construção do sentido.

Gostaríamos de finalizar destacando que alguns autores como Urios-Aparisi (2009) e, aqui no Brasil, Paiva (2010), desenvolvem interessantes trabalhos voltados para essa interação que se estende além do modo verbal. Paiva (2010) tem produzido interessantes trabalhos que possuem como tema essa interação entre os diferentes modos que compõem um determinado texto.

## REFERÊNCIAS

- AL-SHARAFI, Abdul Gabbar Mohammed. *Textual Metonymy: a semiotic Approach*. New York: Palgrave/ MacMillan, 2004.
- BARCELONA, Antonio. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: An update. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 207-277.
- CROFT, William. The Role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 161- 205.
- DIRVEN, René. Metonymy and metaphor: Different mental strategies of conceptualization. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 75-111.
- FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. (Eds). *Applications of cognitive linguistics: Multimodal Metaphor*. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 19-42.
- GOOSSENS, Louis. Metaphtonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 349-377.
- JAKOBSON, Roman. The metaphoric and metonymic poles. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 41-47.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Oxford University Press, 2001.
- KRESS, Gunther. *Multimodality: challenges to thinking about language*. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3587959>. Acesso em: 19 ago. 2011.

- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida Cotidiana*. (Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto) – Campinas. São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Edpuc, 2002.
- LANGACKER, Ronald. Reference-point constructions. *Cognitive Linguistics* 4, 1993. p. 1-38.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e; NASCIMENTO, Milton. Hipertexto e complexidade. *Revista Linguagem em (dis)curso*, Palhoça, V.9, n.3, set/dez 2009. 519-574. Disponível em: [www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/.../04.htm](http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/.../04.htm). Acesso: 18 set. 2010.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e; NASCIMENTO, Milton. A Metonímia como processo fractal multimodal. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/metomiltonvera.pdf>. Acesso: 10 set. 2010.
- RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zóltan. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Günter. (Eds). *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 17-59.
- RADDEN, Günter. How metonymic are metaphors? In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 407-434.
- REDDY, Michael. The conduit metaphor - A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-297.
- URIOS-APARISI, Eduardo. Interaction of multimodal metaphor and metonymy in TV commercials: Four cases studies. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. (Eds). *Applications of cognitive linguistics: Multimodal Metaphor*. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 95-117.

*Recebido em 11/04/2012*

*Aceito em 20/06/2012*

*Versão revisada recebida em 25/06/2012*

*Publicado em 30/06/2012*

## THE MEANING RESULTANT OF METONYMIC AND METAPHORIC INTERACTION

**ABSTRACT:** *Metaphor and metonymy are no longer conceived as conceptually independent. However, despite the increasing interest devoted to this interaction we can see that the work dedicated to this study back up only the interaction present in the verbal mode, leaving the other modes that make up the multimodal discourse. Therefore, we aim in this article to demonstrate the way in which this interaction can be encoded in different ways composing discourse particularly in its verbal and imagetic modes. As result it was possible to observe that this interaction occurs not only in verbal mode, but between verbal and imagetic modes in the construction of meaning.*

**KEYWORDS:** *metaphor; metonymy; metonymic and metaphoric interaction.*

